

ESP  
13/5/97 DIEDJ  
149

VER ATRÁS

# O ESTADO DE S. PAULO

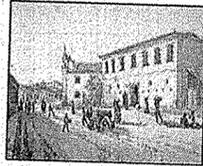
D1

# CADERNO 2

ANO IX NÚMERO 3.747 □ TERÇA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1997



**Palavra de mulher**  
Carolina Ferraz estreia no canal GNT a série 'Mulher Invisível'. Pág. 4



**Aquarelas de Thomas Ender**  
Mostra do austríaco será inaugurada hoje no Masp. Última página

## Lévi-Strauss tem saudade do Brasil que conheceu

Perto dos 90 anos, o etnólogo francês lembra de suas aventuras no País, quando veio para São Paulo como professor da USP, fala do seu contato com intelectuais modernistas e do futuro da antropologia

CARLOS HAAG

PARIS — O corpo, debilitado e franzino, e as mãos, trêmulas, traem a chegada aos 90 anos, que ele completará em novembro do ano que vem, mas o etnólogo Claude Lévi-Strauss não interrompe o ritual sagrado de, toda sexta-feira, ir trabalhar em sua sala do Collège de France, no Quartier Latin de Paris. Na estante, livros em português sobre os índios cadivêus. "Leio português perfeitamente, mas só falo o caipira que aprendi nas minhas viagens pelo interior", explica.

Ao lado de um mapa do Brasil, pendurado na parede, encimado por alguns artefatos indígenas, o antropólogo fala em saudades do País e lamenta: "Estou velho demais e sei que nunca mais voltarei." Sua última visita ao Brasil foi em 1985 e dela o intelectual não guarda boas lembranças. "Passei pouco tempo em São Paulo e não reconheci o Brasil que amei no passado", diz com tristeza.

Essa fúria destrutiva urbana, aliás, é uma das características dos países jovens que ele mesmo observou em *Tristes Trópicos* (1955), livro em que contou sua experiência brasileira nos anos de 1935 e 1938, quando, acompanhando a Missão Francesa, lecionou na recém-nascida Universidade de São Paulo, ao lado de Braudel e George Duménil, e fez expedições para conhecer os índios cadivêus, bororos e nhambiquaras. A aventura mudou a vida do jovem de 27 anos, professor de filosofia num liceu do interior da França que, pouco tempo depois, galvanizava a antropologia com livros como *As Estruturas Elementares do Parentesco*, *Raça e História* e *O Pensamento Selvagem*. Após anos estudando os mitos, ele próprio acabou por converter-se num.

Estado — Jovens incendiaram um índio em Brasília. Os trópicos agora

estão terríveis? Claude Lévi-Strauss — Li sobre isso no *Le Monde*. É uma coisa horrível, mas não se pode dizer que é algo específico do Brasil ou dos trópicos, pois acontece também aqui, na Europa Ocidental. Bárbaros ameaçam, surram e matam mendigos e árabes na França, num jogo de ódio e selvageria. São coisas abomináveis, mas não são um "privilégio" do seu País.

Estado — Mas refletem, em parte, a situação de abandono dos índios brasileiros. O que se poderia fazer?

Lévi-Strauss — Antes de tudo, fazer justiça ao povo índio, que teve sua terra espoliada. É claro que não proponho que se lhes devolva todo o continente, porém é preciso dar-lhes terra suficiente e boa, não a destruída pelos garimpeiros. Isso para continuarem a viver, a subsistir e terem condições de fazer a escolha entre manter suas tradições ou fundir-se totalmente à identidade nacional. Sei que muitos não admitem que

eles tenham privilégios. Tentar que entendam isso é o que os antropólogos vêm procurando fazer nos últimos cem anos, mas há os conflitos de terra e os índios estão no fogo cruzado desses interesses contraditórios.

Estado — Essa boa-fé na aceitação dos brancos é histórica. Por quê?

Lévi-Strauss — Isso é fruto de uma idéia fundamental, compartilhada pelos ameríndios do norte e do sul do globo. É o jogo do bipartismo: para eles, a idéia da gênese, do bom funcionamento do mundo repousa num equilíbrio sempre instável, um contrapeso de duas partes desiguais e nunca balanceadas. Para os ameríndios, no momento em que o demiurgo os criou, gerou também o "não-índio". Assim, o invasor já existia para eles, inscrito nesse sistema. Por isso, a chegada de



Claude Lévi-Strauss: "Com Mário de Andrade fui à periferia da cidade para assistir a festas folclóricas e fazer pesquisas até Mogi das Cruzes"

Cortez e Pizarro, não os surpreendeu, antes era algo esperado, porque o mito já lhes explicava que viria gente de longe. O que teria acontecido se os brancos, ao invés de os massacrar, os tivessem respeitado? Fiz-me essa pergunta várias vezes, em especial após visitar um museu, em Viena, que exibia restos da arte ameríndia, enviada por Cortez, e Dürer, o pintor, tanto admirou. Os invasores preferiram a destruição da cultura que encontraram.

Estado — Os índios assimilaram a cultura dos conquistadores. Houve um sentido inverso de influência?

Lévi-Strauss — Não, foi uma penetração de sentido único, só os índios foram afetados profundamente pelo pensamento europeu. Não podia ser diferente: era o pensamento do invasor. Mas a constatação da existência dos índios mudou algo na Europa, que descobriu não ser o único representante da humanidade e havia um novo mundo, levantando todo tipo de reflexão. Porém, se, hoje, ainda estamos longe de entender o pensamento ameríndio, o que dizer no século 16?

Estado — O que restará para a antropologia, quando esses povos forem assimilados pela tendência atual a uma "monocultura"?

Lévi-Strauss — Grécia e Roma desapareceram há mil anos e sempre somos surpreendidos por novas descobertas feitas sobre essas civilizações. No caso dos ameríndios, quando desa-

parecerem — não fisicamente, mas sua cultura for assimilada —, será possível continuar a trabalhar sobre suas tradições e mitos. A antropologia será transformada em filologia, em história das idéias, pois há muitos tesouros inexplorados que exigirão anos de estudo. Mesmo essa tendência a um modelo monocultural não é eterna. Ele deve cindir-se em algum momento, romper-se internamente e disso surgirão novas diversidades, sobre as quais não temos idéia nenhuma. A antropologia continuará a estudar as diversidades que se manifestarem entre os povos. Além disso, representantes letrados dos ameríndios estão tomando suas civilizações como objeto de estudo. Isso é ótimo e muito positivo.

Estado — Quais são suas lembranças do Brasil?

Lévi-Strauss — Há uma plêiade de memórias, mas as coloco em dois níveis fundamentais. O primeiro foi o contato com a juventude brasileira, animada por um enorme desejo de saber o que se passava pelo mundo, em compreender as últimas reflexões sociológicas. Um ardor que nunca mais reencontrei em toda a minha carreira como professor em meu país. Além disso, havia a natureza. Pela primeira e única vez em minha existência tomei contato com tal exuberância, uma natureza diferente da que conhecia e estava intacta, intocada pela ação dizimadora do homem.

Estado — O que o sr. esperava encontrar nos trópicos?

Lévi-Strauss — Não sabia o que esperar. Havia dito para mim coisas totalmente contraditórias. Meu mestre na Sorbonne, quando lhe falei do meu desencanto com a filosofia e o desejo de novas experiências me disse que, se quisesse fazer etnologia, deveria ir ao Brasil, a São Paulo, onde, contou-me, as periferias estavam cheias de índios. Certamente, para ele, Brasil, Bolívia e Peru eram a mesma coisa. Já o embaixador do Brasil na França, Sousa Dantas, me avisou que todos os índios do País haviam sido dizimados e eu não encontraria nada lá. Entre dois fogos, decidi ir assim mesmo. Foi um choque. Sem falar que a ida ao Brasil também significou para mim e meus colegas uma mudança brusca de condições materiais. Éramos professores de liceus de província e, de repente, havíamos virado professores de universidade, com direito a tratamento de primeira. Havia

também a liberdade física, típica dos países tropicais. Não tínhamos mais de usar todas aquelas roupas que nos escravizavam no clima europeu. Sentíamos-nos mais livres.

Estado — Sua chegada a São Paulo coincidiu com o carnaval. Como foi?

Lévi-Strauss — Estávamos na periferia da cidade, mas São Paulo não tinha grandes manifestações carnavalescas. Eram mais grupos pequenos que dançavam pelas ruas e nas casas, de onde saía muita música. Lembro que nos aproximamos de uma delas e eles nos convidaram a entrar, com uma condição: não era para ficar olhando, mas para dançar também. Não digo que dancei, pois passei mais tempo pisando nos pés da minha parceira (*risos*). Recordo-me de muitas daquelas músicas. Aliás, achei muito do Brasil nas marchinhas de carnaval.

Estado — E as comidas?

Lévi-Strauss — Foi um encantamento. Todas aquelas frutas tropicais desconhecidas e aquela variedade de sabores deliciosos: creme de abacate, leitão com farofa (*risos*).

Estado — Como foi o trabalho na USP?

Lévi-Strauss — Foi uma chance de tomar contato com os jovens brasileiros, os quais ensinava em francês. Era fascinante estar numa cidade que se transformava a cada dia, uma sensação de estar participando de uma experiência sociológica única. A ponto de introduzir meus alunos à sociologia e à etnologia a partir do contexto de sua cidade, fazendo com que se interessassem pelo que se passava em São Paulo. Cheguei a pedir como trabalho final uma monografia sobre a rua onde moravam. Os resultados foram os mais interessantes. Foi maravilhoso estudar algo em mutação constante, coisas que mudavam de um ano para outro. Era a sociologia viva.

Estado — Embora criada pela elite paulistana, os alunos da USP vinham de classes sociais menos privilegiadas. Não houve problemas com os professores?

Lévi-Strauss — Sim, os estudantes sentiam-se divididos em face da classe dirigente e da instituição, mas entendiam que precisavam do diploma universitário. Aos poucos, com o contato pessoal diário que tivemos fomos chegando até eles. Afinal, estávamos na mesma faixa etária dos estudantes e isso nos levou a contatos extra-universitários. Nós, professores, tínhamos uma imensa curiosidade sobre o País e nos lançamos num sem-número de pequenas aventuras com eles, que tam-

pouco tinham uma boa idéia do que era o Brasil. Juntos, aventuramo-nos a descobri-lo. Fomos até o Paraná, a fronteira do Paraguai e muitos alunos nos acompanharam, numa relação de igualdade. Logo viramos amigos.

Estado — Houve pressão das elites sobre o que se podia ou não ensinar?

Lévi-Strauss — De forma alguma. Sim, havia grande simpatia por um certo tipo de ensino baseado na tradição de Comte e Durkheim, mais bem vistos do que as novidades anglo-saxônicas. Porém, o rompimento com essa tradição não foi bem um choque. Talvez, mais um sentido de desafio que, na época, eu não percebi e de que só tomei consciência bem mais tarde.

Estado — Vocês chegaram ao Brasil no ápice do nacionalismo. Não sentiram nenhuma forma de xenofobia?

Lévi-Strauss — Não, apenas um certo desconforto por parte dos velhos professores brasileiros que se sentiram ameaçados com a nossa presença. A sociedade, ao menos a que conheci, recebeu-nos muito bem, em especial, o pessoal do Departamento de Cultura, Paulo Duarte, Mário de Andrade. Com esse último fui muito à periferia da cidade para assistir a festas folclóricas e fazer pesquisas. Ele nos iniciou nas tradições populares e indígenas e, juntos, viajamos até Mogi das Cruzes.

Estado — Como era o ambiente cultural de São Paulo?

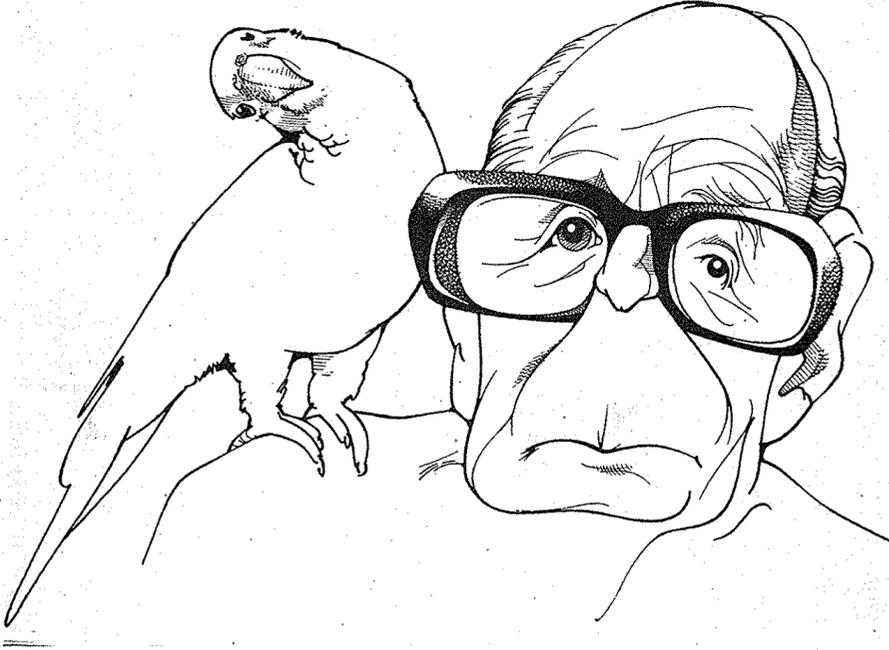
Lévi-Strauss — Podia ser definido como de uma grande curiosidade, um pouco desordenada, dirigida para todos os sentidos. Um desejo imenso de ser vanguarda, estar nela e não perder nada do que acontecia pelo mundo de novo, de interessante. Havia também Oswald de Andrade, que conheci menos que Mário, pois não tinha a argumentação sociológica e etnológica desse último. Sua antropofagia não nos surpreendeu, porque na Europa tínhamos o surrealismo e não era de admirar vê-lo em sua versão brasileira.

Estado — Em "Tristes Trópicos" o sr. descreveu a Baía da Guanabara como uma "boca banguela", o que provocou polêmica e até está na letra de uma música de Caetano Veloso.

Lévi-Strauss — Sim, naquele livro decidi descrever, com liberdade, tudo o que me vinha à cabeça diante do que via, minhas impressões imediatas, sem nenhuma auto-censura. Quando vi a Baía da Guanabara, fui invadido por uma sensação de decepção em face do que imaginara. Era uma coisa tão grande, os lugares importantes ficavam tão distantes uns dos outros que, na hora, me veio a imagem de uma boca sem dentes. Não vi porque esconder essa sensação.

**EXISTÊNCIA DOS ÍNDIOS MUDOU IDÉIAS NA EUROPA**

**ELE SE DECEPCIONOU NA ÚLTIMA VISITA**



# Etnólogo aposta no futuro da ciência

*Lévi-Strauss acredita que o trabalho científico permite sempre uma melhor compreensão do mundo e analisa experiências polêmicas, como a clonagem, por esse mesmo prisma otimista*

CARLOS HAAG

PARIS — Na seqüência, Claude Lévi-Strauss fala sobre *Tristes Trópicos* e lamenta não poder mais voltar ao Brasil.

Estado — Qual é a sua apreciação de 'Tristes Trópicos' hoje?

Claude Lévi-Strauss — Foi um livro escrito num momento complexo: fracasso na carreira e minha vida pessoal abalada pela separação de minha mulher. Vi-me, então, livre de tudo, sem estar preso a nenhuma amarra universitária e quis fazer um livro dissociado de conseqüências. A sua melhor definição é sinceridade, uma ausência de preconceitos. Quis escrever algo que não fosse científico. Mas não aceito que o chamem de literário. Amo a literatura, comecei até a escrever um romance, mas era tão ruim que o interrompi, na mesma época em que veio *Tristes Trópicos*. Ainda assim, não penso ter criado uma obra literária.

Estado — A experiência brasileira levou-o, de vez, à etnologia e à antropologia, sobre a qual o sr. escreveu 'O Olhar Distanciado'. Por que, no caso dos estudos dos povos, olhar de longe é ver melhor?

Lévi-Strauss — Não digo que é ver melhor, mas é ver de forma diferente, ver coisas que outros não vêem e desaparecem quando analisadas de muito perto. É a situação do astrônomo. Proust, aliás, dizia ter um "olhar de astrônomo". Esse não conta com definições como botânicos e zoólogos e, quando olha os planetas, o que vê é o movimento deles em relação aos outros corpos celestes. Numa visão sim-

plificada, por ser parcial é que é essencial. Os etnólogos estão na mesma situação: não vêem as coisas como os outros membros da sociedade e, ao olhar de longe, conseguem perceber profundidades essenciais que escapam aos demais.

Estado — O sr. continua otimista com a ciência?

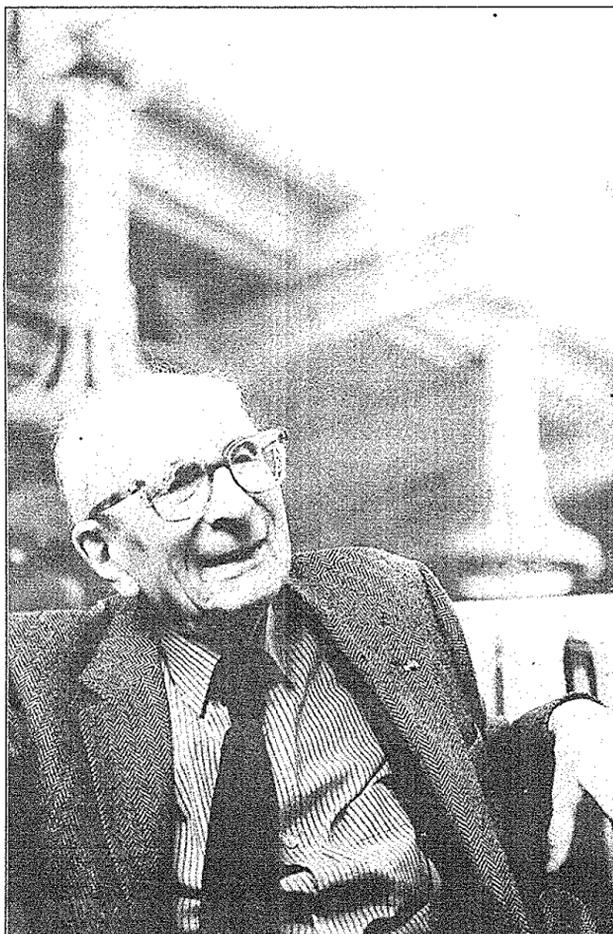
Lévi-Strauss — O que é ser otimista? Penso que na ciência tudo é interessante e apenas compreendo que as suas conquistas deram bons frutos. Isso não é otimismo, basta perceber que se entende melhor o mundo com o trabalho da ciência. Mas não sei dizer nada sobre os computadores. Nem uso máquina elétrica e prefiro a minha mecânica (*risos*).

Estado — O que o sr. acha da clonagem: não há perigos envolvidos nisso?

Lévi-Strauss — Isso é algo que se explica facilmente pelos mitos. Parece-me algo muito natural, que nos vai dar uma melhor compreensão dos mecanismos da vida. Há riscos nas aplicações práticas, mas o que me interessa é que isso nos vai propiciar uma visão ainda mais aprofundada de nossa vida.

Estado — Há um retorno geral à religiosidade. Como o sr. vê isso?

Lévi-Strauss — É também uma situação muito natural. A religiosidade sempre fez parte do homem, uma presença universal, ainda que em formas externas diversas. O sentimento religioso manteve-se por todas as épocas, sem exceção. Essa volta não é nem surpreendente nem condenável. É condição natural da espécie humana.



Lévi-Strauss: "A música é a maior expressão do gênio humano"

Estado — E quanto à política? O sr. teve uma expressiva militância política antes de vir ao Brasil. O que mudou?

Lévi-Strauss — Não foi o Brasil em si, antes a reflexão etnológica que dirigiu minhas preocupações de uma maneira outra que não a política. Enquanto, a etnologia me fez pensar em termos de séculos e milênios, a política pautava-se pelo imediato. Na minha juventude, fiz política na província porque era algo divertido (*risos*). Ho-

je, posso até dizer que tenho sentimentos e reações políticas, mas não tenho nenhuma confiança em meus julgamentos. Cometi enganos terríveis ao tempo da 2ª Guerra, distanciei-me do pacifismo. Percebi, então, que não podia confiar em meus juízos, pois não tinha uma "cabeça política".

Estado — Direita, esquerda ou centro: como o sr. se definiria?

Lévi-Strauss — É difícil de dizer,

mas, certamente, num momento mais intenso não me definiria de nenhuma dessas maneiras.

Estado — Sociólogos dão bons presidentes da República?

Lévi-Strauss — A experiência diz que sim (*risos*).

Estado — Qual é a sua relação com a arte?

Lévi-Strauss — Sou filho de artista e pintor e cresci num meio de artistas. Eu mesmo pintei na adolescência. E não era nada fácil manusear todas aquelas cores e paletas. Mas nunca me arrependi de não ter sido um pintor. Do que me arrependo mesmo é de não ter sido regente e compositor. A música é essencial para mim e fez parte de toda a minha vida. Creio que é a maior expressão do gênio humano. Se fosse talentoso, teria mesmo feito música e não pesquisas (*risos*).

Estado — O sr. chegou a dizer que só as obras de arte eram perdas irreparáveis na história. E os homens?

Lévi-Strauss — Os homens não mudaram muito desde os primeiros tempos e apenas nas suas criações é que se pode perceber, de verdade, uma evolução significativa. Suprima cinco ou dez séculos da história do homem e seu conhecimento sobre ele permanecerá o mesmo. O que se perde são as obras produzidas nesses séculos.

Estado — O sr. ainda gostaria de voltar ao Brasil?

Lévi-Strauss — Estou muito velho e sei que nunca mais poderei voltar. Saudades, sem dúvida. Em 1985, voltei ao Brasil, acompanhando o presidente da França. Em Brasília, pegamos um avião e fomos visitar os arredores da cidade. Sobrevoamos algumas aldeias, mas o piloto não conseguiu pousar. Em São Paulo, o Estado convidou-me a visitar os lugares por onde passei em minha estada no País. Fiquei horrorizado. Vi que não tinha mais nenhuma relação com a cidade. Não era em nada parecida com a São Paulo que eu conheci. Certo, naquele tempo havia apenas 1 milhão de habitantes. Tentamos ir até minha antiga casa e não conseguimos. Uma pena.

BREVES

## Programação marca 15 anos do CCSP

Em comemoração aos seus 15 anos, o Centro Cultural São Paulo (Rua Vergueiro, 1.000, ☎277-3611) terá hoje uma programação especial. A partir das 10 horas, o Grupo Acrobático Fratelli realiza oficinas infantis. Às 14 horas, Vitor Costa e Margareth Kardosh fazem show de tango e haverá a apresentação de filmes nacionais: *Terra Estrangeira*, de Walter Salles e Daniela Thomas, às 18 horas, e *Louco por Cinema*, de André Luís Oliveira, às 20 horas. A programação termina com um show de Edson Cordeiro, às 21 horas.

## Filme de Luc Besson estreia bem nos EUA

LOS ANGELES — O cineasta francês Luc Besson deve desembarcar hoje em São Paulo para divulgar seu filme *O Quinto Elemento*, que estreia sexta-feira no Brasil. Besson ficará na cidade até quinta-feira. Segundo a gerente de marketing da Columbia Pictures/Brasil, Telma Gadioli, o cineasta vem para trabalhar muito. *O Quinto Elemento*, com Bruce Willis e Gary Oldman, arrecadou US\$ 17 milhões no primeiro fim de semana de exibição nos Estados Unidos.

## Mautner entrevista Ná Ozetti amanhã

O projeto Memorial Popular Brasileiro, da Funarte, continua amanhã com Jorge Mautner entrevistando a cantora Ná Ozetti. A proposta da Funarte é que o público conheça melhor os artistas convidados — além da entrevista, Ná Ozetti vai cantar no final da noite. Até agora, Mautner já entrevistou Arnaldo Antunes e Zé Ramalho. O encontro de amanhã será na Sala Guiomar Novaes da Funarte (Al. Nothmann, 1.058 ☎862-5177) às 20 horas.

E-mail: [caderno2@estado.com.br](mailto:caderno2@estado.com.br)